Alienação e Utopia: O impulso utópico em *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?*

Palavras-Chave: Distopia, Ficção científica, Alienação

Autores(as):

ANDRÉ MARTHO DOMINGUES, IEL – UNICAMP

Prof(ª). Dr(ª). CARLOS ORNELAS BERRIEL, IEL - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O romance distópico *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?*, do autor estadunidense Philip K. Dick (1928 - 1982), foi publicado em 1968 e ganhou grande notoriedade a partir da adaptação cinematográfica intitulada *Blade Runner* (1982). O livro é ambientado em uma Terra pós-apocalíptica devastada por uma guerra nuclear global. Por conta das consequências dessa guerra — como a presença de uma poeira radioativa onipresente e a ameaça de degeneração genética —, a maior parte da humanidade emigrou para colônias em outros planetas, com o incentivo de receberem um servo androide pessoal. Aqueles que permaneceram na Terra enfrentam um ambiente decadente. Nessa temporalidade alternativa, a vida animal foi quase extinta. Como resultado, possuir e cuidar de um animal, mesmo que elétrico, é um dos maiores símbolos de status e uma demonstração de empatia, sendo essa uma das qualidades que seria definidora e exclusiva da humanidade. A experiência emocional das personagens é frequentemente regulada pelo “sintetizador de ânimo Penfield” (DICK, 2019, cap. 1) e a vida religiosa é dominada pelo “Mercerismo” (DICK, 2019, cap. 1), uma religião que é praticada através de um aparelho conhecido como "caixa de empatia".

O enredo começa acompanha Rick Deckard, um caçador de recompensas que vive com sua esposa, Iran. Ele possui uma ovelha elétrica em seu telhado e anseia por ter um animal de verdade — um símbolo de status e da possibilidade de sentir empatia genuína — para substituir a “fraude” (DICK, 2019, cap. 1) que ele considera ser o animal elétrico. Sua esposa sofre de sintomas de depressão e questiona a moralidade do trabalho de Rick, que consiste em "aposentar" (matar) androides. A trama é posta em movimento quando Rick é encarregado de aposentar os seis androides do modelo Nexus-6 que escaparam de Marte e vieram para a Terra, vendo na recompensa a chance de finalmente comprar um animal de verdade e se sentir realizado (DICK, 2019).

A presente pesquisa visa o objeto literário e propõe a investigação da expressão do impulso utópico (JAMESON, 2005) em *Androides*, ou seja, a análise sobre a expressão particular da forma utópica na distopia apresentada na obra, a partir da premissa da centralidade da questão da essência ou autenticidade humana na narrativa e de sua possível relação com o conceito de alienação. Para tanto,

exploramos as especulações de Jameson (2005), Berriel (2005; 2024), Suvin (1997) Moylan (2014) e Lima (2022) sobre distopias enquanto forma literária, as biografias de Carrère (2002) e Sutin (1991) sobre Philip K. Dick, e a obra *A teoria da alienação em Marx*, de István Mészáros (2006). Desta forma, a hipótese aqui estabelecida é a de que a questão central de *Androides* seria a alienação em relação à autenticidade humana, que ocorre por conta das mediações secundárias vividas pelas personagens em suas atividades. Desse modo, os conflitos vividos pelos personagens do romance servem como um comentário crítico às alienações vividas atualmente, assim como um aleta sobre a intensificação do processo de alienação.

METODOLOGIA:

A presente investigação parte do princípio de que a distopia literária constitui particularidades próprias e, portanto, exige procedimentos específicos a ela. Desse modo, nossos procedimentos foram:

I. Levantamento bibliográfico e esclarecimento sobre o momento histórico, cultural e literário de *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?*
II. Estudo do conjunto da obra de Philip K. Dick, sua fortuna crítica e biografia;
III. Identificação e diferenciação dos elementos distópicos na obra de Dick, possibilitando torná-la objeto específico de investigação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Com base na pesquisa conduzida, a investigação sobre *Androides Sonham Com Ovelhas Elétricas?* concluiu que o conflito central da narrativa reside na complexa e instável distinção entre o humano e o androide, uma questão que transcende a ontologia para se tornar um profundo dilema ético e epistemológico. O principal resultado desta análise é a constatação de que a autenticidade, tema que permeia toda a obra, não é alcançada através de uma busca por um ideal de perfeição, mas sim pelo reconhecimento e aceitação das contradições inerentes à experiência humana.

A análise revelou que a figura do "androide" opera como uma potente metáfora para uma subjetividade alienada ou "esquizoide", conceito que o próprio Philip K. Dick explorou a partir de suas leituras de autores como Ludwig Binswanger e Carl Jung (CARRÈRE, 2002; SUTIN, 1991). Esta condição, marcada pela repressão da afetividade em favor do intelecto, aprisiona as personagens em um "mundo-túmulo", um estado de morte e repetição. Para interpretar este resultado, foi mobilizada a teoria da alienação de István Mészáros (2006), que me permitiu compreender a condição "esquizoide" não como uma falha individual, mas como um produto do processo de alienação, em que mediações secundárias afastam o sujeito de uma relação autêntica consigo mesmo e com o mundo. Crucialmente, esta condição não se restringe aos seres artificiais; os personagens humanos também exibem traços "androides", evidenciando uma tendência que permeia toda a sociedade retratada, um diagnóstico preciso das ansiedades do que Fredric Jameson (2005) chama de capitalismo tardio.

A sociedade do romance sistematicamente reforça essa repressão afetiva ao oferecer substitutos tecnológicos para a conexão genuína, como a posse de animais como prova de empatia e a "caixa de empatia" para uma comunhão controlada. Este cenário distópico, que foi conceituado utilizando as teorias de Tom Moylan (2014) e Darko Suvin (1997), gera um "estranhamento cognitivo" no leitor, forçando uma visão crítica sobre como nossa própria sociedade instrumentaliza as relações. Ademais, a figura messiânica de Wilbur Mercer é central para este conflito. A pesquisa concluiu que, mesmo sendo desmascarado como uma fraude, Mercer encarna uma verdade que transcende a validação lógica. A superação do "mundo-túmulo" não está na negação da contradição, mas em sua aceitação. A empatia autêntica, ou *caritas*, emerge dessa experiência de reconhecer a si mesmo no outro, superando a lógica dualista que aprisiona as personagens.

O desfecho, com Rick Deckard em um estado de silenciosa aceitação, representa uma expressão do que Jameson (2005) define como um "impulso utópico": uma esperança que se manifesta em pequenos e fragmentados atos de bondade, em vez de um grande projeto totalizante de salvação. A jornada de Deckard representa a "contranarrativa de resistência" (MOYLAN, 2016, p. 81) descrita por Moylan, que, embora não resulte em uma vitória total, aponta para a possibilidade de redescobrir a autenticidade nas frestas de um sistema alienante. Assim, a obra permanece um questionamento perene sobre o que significa ser humano em um mundo que, cada vez mais, nos impele a operar como máquinas.

CONCLUSÕES:

Com base nos objetivos e hipóteses delineados, a presente pesquisa concluiu que a questão central em *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* pode, de fato, ser entendida como a alienação em relação à autenticidade humana, sendo esse um processo impulsionado pelas mediações secundárias que governam a vida das personagens. A análise confirmou que a problemática distinção entre humano e androide opera como a principal metáfora para esta condição. A "condição androide" ou "esquizoide", caracterizada pela repressão da afetividade e pela percepção de se estar em um "mundo-túmulo", não é uma falha ontológica, mas o resultado direto de uma sociedade que substitui a experiência genuína por simulacros tecnológicos e ideológicos, como a caixa de empatia e a posse de animais como prova de status empático. Desta forma, os resultados validam a hipótese de que os conflitos da narrativa são uma representação direta do distanciamento da essência humana causado pela alienação.

A expressão do impulso utópico, por sua vez, manifesta-se de forma complexa e ambígua, como teorizado por Jameson (2005). A pesquisa demonstrou que, como é característico da literatura distópica, a obra não oferece uma utopia conciliada ou um projeto de salvação coletiva. Pelo contrário, o impulso utópico reside nas frestas do sistema distópico: na jornada de Deckard, que, mesmo sem alcançar uma paz definitiva, chega a uma silenciosa aceitação das contradições a partir de sua experiência autêntica, expressa no pequeno ato de bondade pelo sapo elétrico. Essa esperança frágil, que emerge em meio a uma sociedade profundamente alienada, serve como um poderoso comentário crítico sobre as

alienações contemporâneas e um alerta sobre a contínua intensificação desse processo, confirmando a premissa inicial da investigação.

BIBLIOGRAFIA

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. Utopia, distopia e história. **Morus - Utopia e Renascimento**, [S. l.], v. 2, p. 4-10, 2005.

_____. Utopia: a sátira da conciliação em um mundo perverso. **Remate de Males**, Campinas, v. 44, n. 1, p. 93-110, jan./jun. 2024.

CARRÈRE, Emmanuel. **I Am Alive and You Are Dead**: a journey into the mind of Philip K. Dick. Tradução de Timothy Bent. New York: Picador, 2002.

DICK, Philip K. **Androides sonham com ovelhas elétricas?**. Tradução de Ronaldo Bressane. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2019.

JAMESON, Fredric. **Archaeologies of the Future**: The Desire Called Utopia and Other Science Fictions. London: Verso, 2005.

LIMA, Felipe Benicio de. **O neodistópico: metamorfoses da distopia no século XXI**. 2022. 196 f. Tese (Doutorado em Linguística e Literatura) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.

MOYLAN, Tom. **Demand the impossible**: science fiction and the utopian imagination. Editado por Raffaella Baccolini. Oxford: Peter Lang, 2014.

SUTIN, Lawrence. **Divine Invasions: A Life of Philip K. Dick**. New York: Carol Publishing Group, 1991.

SUVIN, Darko. **Metamorphoses of science fiction**: on the poetics and history of a literary genre. New Haven: Yale University Press, 1979.